

CAROS LEITORES...

O dossiê “Filosofia e ciências humanas: múltiplos olhares” é fruto de nossa tentativa de fomentar e divulgar distintas abordagens sobre temas cativos ao universo das ciências humanas e do saber filosófico. Apresentamos a você uma coletânea marcada por uma investigação plural, cuja envergadura alcança temas como: gênero, família, corpo, afeto, moralidade, direitos humanos, direitos psíquicos, formação humana, arte, liberdade, herança trágica clássica, democracia, pensamento, intencionalidade, gosto, consumo, ação livre. Nossa meta consistiu em reunir trabalhos de pesquisadores oriundos de diferentes campos de saber, mas dedicados a inquietações relativas ao tema do humano em suas multifacetadas dimensões. Esse mosaico acadêmico que estamos a apresentar traz a marca do rigor filosófico e da interdisciplinaridade, nesse sentido, você encontrará no rol dos artigos desse dossiê abordagens relacionadas ao campo da hermenêutica, ontologia, fenomenologia, sociologia, psicanálise, pensamento trágico e filosofia política.

A coletânea se inicia com um artigo de Mary Garcia Castro no qual ela se pergunta se é possível um diálogo entre Winnicott, feministas e sociólogos quando o foco é gênero e família. A partir de leituras cruzadas sobre maternidade em Nancy Chodorow e em D.W. Winnicott a autora realiza uma leitura sociológica de trabalhos de campo da psicanálise winnicotiana, considerando sua possível propriedade aplicativa para reflexões sobre jovens em gangues.

No artigo “Família: solução ou problema?” Luiz Mena apresenta um exame sobre o modo como as atuais configurações da estrutura familiar atuam na construção da subjetividade infantil. Nesse sentido, o autor reflete sobre as transformações sociais e culturais que imprimem modificações profundas sobre modelos e crenças acerca do que é “família” e do papel do pai e da mãe na constituição psíquica dos filhos. O enfoque principal do autor consiste na análise acerca da relação entre a família e a formação de sintomas.

Em “Corpo e afeto: considerações lacanianas” Suely Aires argumenta que, apesar de Jacques Lacan destacar a função da fala e afirmar que o inconsciente se estrutura como linguagem, é possível defender que há uma teorização lacianiana dos afetos. Algumas abordagens acerca da psicanálise de Lacan afirmam, de modo apressado e superficial, que sua teoria teria negligenciado os afetos em prol do conceito de significante. A autora nos

apresenta a possibilidade de se pensar que há uma teorização lacaniana dos afetos que se coloca como limite e para-além do que se constitui nas discussões correntes na virada linguística de Lacan.

Eder Soares Santos nos apresenta elementos que justificariam se falar de um determinismo na obra de Freud, os quais produziriam consequências sobre sua concepção de moralidade. Em “Determinismo e moralidade na psicanálise de Freud” Santos nos indica de que maneira as filiações epistêmicas do pai da psicanálise culminaram em sua tentativa de construir explicações sobre o psíquico a partir da via da determinação causal. Em tempo, o autor nos mostra que, na medida em que explica os mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico, a origem de nossos desejos e de nossas neuroses a partir de uma determinação ancorada em nossa história filogenética, Freud nos oferece as configurações acerca de nossa moralidade. Tais configurações, pondera Santos, se diferem da perspectiva teórica defendida pela psicanálise de Winnicott.

Com o artigo “Direitos psíquicos como direitos humanos: pode a psicanálise conferir esta garantia?” Jose Euclimar Xavier de Menezes aborda a antropologia psicanalítica à luz do pensamento de Edith Stein. O autor nos demonstra que, para Stein, os processos psicológicos complexos e a constelação da vida emocional sofrem um forte reducionismo mediante a concepção psicanalítica. Posto que psicanálise faz residir no *abismo da alma* forças invisíveis nomeadas de *pulsões*. Esse campo de saber, na lupa de Stein, portaria uma certa “antropologia negativa”, a qual estaria impregnada com uma visão de homem que o esvaziaria de qualquer conteúdo subjetivo. Em seu trabalho, Menezes problematiza a compreensão do comportamento humano como mero resultado de movimentos instintivo-libidinais e se pergunta se esse modo de pensar não negligencia um direito fundamental dos sujeitos humanos, a saber, a compreensão de sua vida emocional em sua complexidade.

No texto “Freud e o Methodenstreit: um debate a partir dos *Seminários de Zollikon*”, Caroline Vasconcelos Ribeiro estabelece uma discussão acerca da cientificidade da psicanálise freudiana ao indagar se tal campo de saber se afina com as ciências humanas ou poderia ser encaixado no rol das ciências da natureza. A autora examina o sítio epistemológico da psicanálise em relação à querela dos métodos (*Methodenstreit*) instituída por Dilthey. Nesse sentido, questiona se Freud seria um combatente em prol da hermenêutica da suspeita, como advogou Paul Ricoeur, ou um corifeu do modelo de ciência natural que triunfou na primeira metade do sec. XX, como defendeu Martin Heidegger. O ponto de

partida de sua análise é a obra *Seminários de Zollikon*, na qual o filósofo alemão empreendeu uma abordagem ontológica acerca do solo no qual estão fincadas as raízes que sustentam a psicanálise de Freud.

Roberto Sávio Rosa, em seu artigo “Solidão, autotelia e autoquíria: culpa e trágico no *Ajax* de Sófocles”, problematiza o alcance da relação entre o conceito de culpa e o pensamento do trágico. O autor nos indica a ocorrência de desacordos interpretativos com relação ao recebimento da herança trágica clássica e aponta para a impossibilidade de leitura do trágico sob a perspectiva da culpa. Nesse sentido, elabora uma análise crítica acerca da compreensão linear da tragédia clássica, enquanto algo sequente a um conjunto de condições (como efeito), como evento portador de desgraças. Em contraposição a essa perspectiva o autor apresenta argumentos que reforçam a incompatibilidade entre o trágico e as concepções redentoras.

No artigo “Imanência *versus* transcendência: a problematização do conceito de intencionalidade na fenomenologia de Edmund Husserl” Scheila Thomé examina a noção de objetos intencionais na fenomenologia husserliana e procura, através da delimitação da noção de objeto transcendente, apresentar o modo como os objetos são constituídos pela consciência. Para desenvolver essa proposta, a autora trabalha com a correlação entre a subjetividade e objetividade pensada através do conceito de intencionalidade.

Em “Contribuições heideggerianas para pensar a arte e a formação humana na atualidade” Eliana Henriques Moreira questiona as bases para o entendimento da Formação Humana legadas pela perspectiva moderna, assentadas na visão do homem como um composto “corpo x mente”. A autora nos indica como o pensamento de Heidegger reivindica a necessidade de ressignificação da visão dicotômica do ser humano, do corpo e da mente como *res* (substância). Ao explanar sobre a perspectiva ontológica de abordagem da arte Moreira nos aponta que, para Heidegger, esta se mostra como formadora e humanizadora, em uma dimensão existencial. Tal perspectiva, defende a autora, torna possível o fomento da formação totalizadora do ser humano e o privilégio da dimensão ontopoiética, segundo a qual o produzir, o fazer e o criar instauram mundo e se referem ao ser do humano em sua integralidade.

Com o artigo “A liberdade como princípio da democracia: um olhar filosófico” Vinícius dos Santos procura expor a compreensão de que a democracia é um regime que está fundamentado na liberdade e que deve ser pensado como um modo de organização da vida

social capaz de atingir amplamente todos os setores da sociedade. Para tanto, o autor trafega pelo pensamento político de filósofos como Aristóteles, Maquiavel, Rousseau e Marx.

No texto “El gusto revisitado. Distinción, hibridez y omnivoridad en el Cono Sur latinoamericano” Rosario Radakovich apresenta o debate acerca da relação entre “consumo cultural” e “desigualdade social”, considerando a complexidade da hibridez cultural para a conformação dos gostos e usos sociais da cultura. Ao direcionar seu olhar para as relações entre gosto e consumo cultural no Cone Sul latino-americano, a autora empreende um debate entre a clássica teoria da homologia de Pierre Bourdieu e as teorias da individualização de Giddens e Bauman. Discute, ainda, como a noção de “onivorismo cultural” de Richard Peterson se contrapõe ao pensamento de Bourdieu.

Pablo Zunino, com o texto “O filósofo e o relógio de areia: vida e temporalidade em Bergson”, procura pensar a correspondência entre ação e duração, desembocando no termo bergsoniano da “ação livre”. O plano da duração possibilitaria uma realidade fluente que nunca se daria como sendo a mesma, de modo que, a “ação integrada”, entre ação e inteligência, seria capaz de apreender esta totalidade fluente proporcionando à filosofia e às ciências um “objeto” tomado desde a temporalidade, a partir da intuição da duração.

Da PUC/SP e do ISC/UFBA Hoenisch, Lima e Oliveira propõem pensar que as religiões afro-brasileiras guardam intrínseca relação entre o homem e a natureza, apresentando diversos rituais que utilizam a paisagem natural como local de culto. Em decorrência do adensamento urbano, tem ocorrido um contínuo processo de desterritorialização dos espaços litúrgicos afro-religiosos, demandando assim, sua resignificação, caracterizada pela busca de espaços verdes remanescentes das cidades com vistas à continuidade de tais práticas, que ameaça o futuro das práticas religiosas desta natureza em decorrência da sobrevalorização da preservação do meio ambiente.

Esperamos que a diversidade olhares contidas nesse dossiê possa alimentar o contato dialógico entre o saber filosófico e o campo das ciências humanas e instituir vias profícuas de questionamentos e inquietações.

Salvador, 22 de fevereiro de 2015.

Caroline Vasconcelos Ribeiro

Tatiane Boechat A. Zunino